

AMOR 14

FEDERICO MOCCIA

# AMOR 14

Tradução de  
ROSSANA APPOLLONI



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2013

É um daqueles dias que começa verdadeiramente com um sorriso. Estás a ver quando olhas à tua volta e tudo parece mais bonito? As árvores ao teu redor, o céu, uma nuvem parva que parece querer dizer alguma coisa... resumindo, estás mesmo em sintonia com o mundo. Sim, tenho mesmo uma boa sensação... e com o mundo, ainda por cima! Não é que eu tenha ido até muito longe de onde moro. Bem, agora que estou a pensar nisso, no inverno passado passei pela primeira vez a fronteira de Itália. Estive em Bad Gastein.

«Que cidadezinha linda e sorridente!», disse o meu pai. E eu sorri, o que fez com que ele se tenha sentido orgulhoso pelas palavras que usou. Cá para mim tinha-as lido nalgum sítio, naqueles folhetos que trouxe para casa quando decidi fazer esta viagem. Mas não quis insistir muito nem picá-lo e, por um momento, até quis acreditar que eram dele, até porque eram as primeiras férias que o meu pai fazia durante o inverno desde que eu tinha vindo ao mundo: portanto, há quase catorze anos. Desta forma, sorri e fingi que nem tinha reparado, embora não o tivesse perdoado. Perdoado de quê, perguntam vocês... isso é outra história e não sei se me apetece muito falar dela. Pelo menos por agora, de certeza que não. Hoje é o meu dia e não quero que aconteça nada que mo possa estragar. Tem de ser perfeito. Portanto, aqui estão as três coisas que me quis dar ao luxo de fazer:

- 1) Comer *croissants* no Selvaggi, os melhores do mundo, pelo menos na minha opinião. Quatro. Dois antes e dois depois. Depois de quê, perguntam vocês... isto já tenho vontade de vos explicar mas fá-lo-ei daqui a pouco.

- 2) Pedir uma garrafa de vidro e enchê-la de *cappuccino*. Mas daquele *cappuccino* leve, de café não queimado, de leite magro que quando o bebo fecho os olhos e imagino uma vaca a sorrir para mim a dizer «Gostas,

hein?»). E eu digo que sim com a cabeça e à volta da boca fico com uns bigodes fininhos de espuma cor de *chantilly* e café e sorriso de felicidade por como me está a correr a manhã.

– Desculpe, pode dar-me um pouco de *chantilly*?

– Está bem assim, menina?

– Sim, obrigada.

Meu Deus, como odeio quando me chamam menina. Fazem-me sentir mais pequena do que sou, como se eu não tivesse pensamentos à altura dos outros. É só uma questão de mais ou menos experiência, mas com certeza não de inteligência. Seja com for, faço de conta que não é nada e depois de me dar o talão vou pagar à caixa. Mal tive tempo de me pôr na fila quando uma senhora, não uma menina, passa à minha frente.

– Desculpe!

Olha para mim com ar de falsa louca e faz como se não fosse nada com ela. Era uma loira oxigenada com um perfume enjoativo e uma maquilhagem horrível, com um azul que nem sequer o Magritte teria a coragem de pôr num dos seus quadros mais explosivos. Sei disso porque o estudámos este ano na escola.

– Desculpe!

Repeti. É verdade que hoje não quero nada estragar o dia, mas assim ia engolir um sapo e estou convencida de que, ao longo do dia, podia voltar cá acima. E não queria que este estúpido episódio chegasse mesmo num momento de felicidade – porque tenho a certeza de que hoje vou ser feliz.

E assim sorrio para ela dando-lhe uma última oportunidade.

– Se calhar não se apercebeu, mas eu estava primeiro. E depois, se quiser saber, depois de mim está este senhor.

Ao dizer isto aponto para o senhor que está ao meu lado, um sujeito elegante de uns cinquenta ou talvez sessenta anos... bem, pelo menos mais velho do que o meu pai. O homem sorri e diz:

– Sim, de facto, ela estava primeiro.

Ainda bem que não disse «a menina»! E assim, orgulhosa da minha posição, passo à frente e pago. Caramba, fui castigada! Sete euros e meio por um pouco de *chantilly* e três *cappuccinos*! Já não se percebe nada deste mundo.

Meto os dois euros e meio de troco dentro do meu porta-moedas e vou-me embora.

Antes de sair reparo que o senhor deixa passar a mulher «colorida» com um sinal. E ela passa, como se não fosse nada. Franze o sobrolho e ainda faz uma expressão estranha como quem diz «Estava a ver que não».

Olho melhor para ela: tem umas calças muito apertadas em baixo, um cinto enorme com um H no meio, um colar gigante de ouro ou de outra coisa do género com dois C enormes e, quando dá a volta para se ir embora, no rabo, que não é pequeno, tem um D e um G. Mas esta é toda ela um alfabeto! E o tipo elegante deixou-a passar à frente!

Não há nada a fazer. Os homens quando querem sabem mesmo deixar-se enganar.

Quem nunca se deixará enganar é o Rusty James. Eu chamo-o assim porque acho que ele tem qualquer coisa de americano. Na verdade, chama-se Giovanni, é cem por cento italiano e é meu irmão. Rusty James. Erre Jay. O R. J. tem vinte anos, cabelos compridos, está sempre bronzeado, embora não vá ao solário nem que lhe paguem, um físico que todas as minhas amigas dizem que é um espetáculo e eu concordo, apesar de não poder dizer muito mais por ser sua irmã, caso contrário, cometia um pecado ainda maior do que aquele que vou cometer hoje. Mas disso falaremos depois, como já disse. Seja como for, o R. J. é demais! Está sempre por perto e apercebe-se de tudo. Basta-lhe um olhar, depois sorri para mim, abana a cabeça, arranja o cabelo, volta a olhar para mim e faz-me corar porque significa que já percebeu tudo. Puxa, o R. J. é mesmo querido! Nunca dissemos sabe-se lá o quê um ao outro, mas sempre tivemos uma boa relação de amor, feita de poucas palavras e de grandes silêncios, daqueles que no entanto falam, que se percebe que nos percebem. Sei lá, quando gritaram comigo em outubro, ou era fevereiro? De facto, não é fácil lembrar-me de todas as vezes que gritaram comigo... Puseram-me de castigo como já não acontecia há algum tempo e bastou um breve olhar dele para ficar logo bem. Fez-me lembrar um filme que tinha visto com o Steve McQueen, *Papillon*.

Eu estava reclusa no meu quarto e ele veio ver-me, bateu à porta e eu abri-a. Até me tinha fechado à chave mas ele sorriu-me e eu também... e foi o bastante. Não dissemos nada um ao outro mas pensei que devia ter a cara de *Papillon*, pois tinha chorado imenso, e quando me vi ao espelho assustei-me com a cara amassada que tinha. Eu nem sequer tinha esfregado muito os olhos, mas, de qualquer forma, estavam vermelhos e, não sei como, as lágrimas que me tinham descido pelas bochechas marcaram-me toda, embora não tivesse uma ponta de maquilhagem visto que ainda não domino muito a técnica da pintura, mas este também será um capítulo à parte. Só me apercebi disto depois. Seja como for, o R. J. fez-me uma festa no queixo, sorriu para mim e deu-me um abraço forte, como só ele sabe fazer. A partir daquele momento era capaz de resistir ainda mais naquela minha prisão. Mas, felizmente, esta não durou muito mais.

Quem não disse nada naquele dia, nem sequer um olá, ou como estás, ou um *sms* só para demonstrar solidariedade, foi a Ale. A minha irmã Ale. Ainda por cima não tenho assim tanta certeza de que seja minha irmã. É o oposto de mim: cabelos escuros, compridos, um metro e sessenta e cinco de altura, formosa, até demasiado, com uns seios que devem precisar de um trinta e oito, maquilhagem à fartazana, exatamente como os homens que ela tem, um por cada meia estação. Por isso já foi posta de castigo bastantes vezes, e eu estive sempre ali, pontual e solidária com ela, com a sua dor, fosse ela mais ou menos real, ou nem por isso. Mas quem somos nós para pôr em causa o que os outros sentem? Aqui começo a filosofar um pouco... mas eu estive lá sempre, enquanto que ela nem sequer deu sinais de vida.

Talvez seja porque, agora, também pelo facto de termos trocado de quarto, as coisas já não são como dantes. Sei lá. Mas não quero pensar nisso. Em compensação, tenho uma excelente relação com o R. J. e isso é o que importa. Até porque quem me carregava sempre o telemóvel era ele, não ela... mas não quero parecer demasiado oportunista.

Bom, mas voltemos ao meu programa. Outra coisa que quero absolutamente fazer é esta:

3) Os jornais.

– Bom dia Carlo! O que é que tem para mim?

– Pois é, Carolina... o que é que tenho para ti?

Tem razão de estar perplexo. Das últimas vezes que fui a um quiosque foi para comprar a *Winx* e a *Cioè*. Só desde há um mês e meio é que leio o *Repubblica*. Não quero parecer convencida, mas acabei por me interessar a sério. Uma vez ou outra, pegava no jornal em casa dele quando estava na sala e «ele» tinha coisas para fazer com os amigos. Assim, comecei a lê-lo. A princípio, punha-me a lê-lo, como se diz? Sim, é verdade, para me sentir um pouco importante ou, pelo menos, para me sentir ocupada... para não sentir que estava a perder o meu tempo e que isto não dependia só dele e das suas decisões. Assim, acabei por lhe tomar o gosto a sério. Quer dizer, por um lado é um pouco estranho porque parece que sou crescida... mas agora compro-o à terça, quinta e sexta e gosto muito do que leio. Quem me faz enlouquecer é o Marco Lodoli. Aparece ali a um canto, com todos os cabelos despenteados e diz sempre coisas que me fazem rir. Procurei no Google e descobri que também escreveu alguns livros. Mas por agora ainda não comprei nenhum.

Na minha agenda da escola fiz as contas de junho, o mês passado, e confesso que entre o carregamento, os anos da Clod e as duas camisolas

*Abercrombie*, gastei um balúrdio. Portanto, como diz a minha mãe, é preciso apertar o cinto. Mas hoje não. Hoje é um dia especial e não me quero sentir constrangida.

– Dê-me o *Repubblica*, o *Messaggero*, o *Corriere dello Sport* e... – Olho para todas as revistas que estão ali à minha frente e não tenho dúvidas. – *Dove*. Levo também a *Dove*.

Tem uma fotografia fantástica de uma loucura de ilha com palmeiras baixinhas na praia. Eu acho que fazem estas ilhas no computador. Custa-me acreditar que haja sítios assim tão bonitos. Tiro-a do meio de outras duas revistas e, com um olhar de esguelha, vejo que ali debaixo estão dois euros! Alguém deve ter deixado cair sem se aperceber. Passo a revista ao Carlo e ele tira um saco de baixo da banca. Boa. Distraiu-se. Estico-me para a frente e, por sorte, a minha mão ainda é magra, pelo menos ela... E assim apanho os dois euros. O Carlo não se deu conta de nada. Mas foi um segundo. Penso nisto e depois percebo que hoje é mesmo um dia especial.

– Olha, Carlo, aqui debaixo estava isto.

Ele sorri para mim. Estico-lhe a mão com os dois euros e ele deixa que caiam na sua.

– Obrigado, Carolina.

Depois, muito tranquilamente, mete-os em baixo, onde deve estar uma espécie de caixa para guardar o dinheiro. E volta-me a sorrir. Quem sabe se ele se tinha apercebido. Nunca o vou saber. Faz-me lembrar um pouco o *Dois Destinos*, aquele filme com o Nicolas Cage, quando há aquela cena em que uma rapariga vai ao supermercado fazer compras e o que está na caixa faz de conta que se engana com o troco, mesmo para ver como é que a rapariga reage. E lembram-se quem é o tipo que estava na caixa? É Deus! Isto é, é um tipo de cor que está ali e faz o papel de Deus. Não tenho nada contra as pessoas de cor, mas custa-me pensar que... quer dizer, percebo que entro num assunto um pouco delicado, mas também percebo que não será certamente um pouco de cor a determinar a importância do facto mais importante, isto é, se Deus verdadeiramente existe ou não.

O Carlo põe os jornais dentro do saco.

– Um, dois, três... então são sete euros e meio.

Já estou habituada, este é o meu preço fixo. Com o dinheiro que devolvi, teria pago só cinco euros e meio, mas hoje tenho de marcar pontos, tudo tem de ser positivo, não pode haver coisas mal feitas ou enganoso; quero poder recordar este dia como o dia perfeito: o dia em que fiz amor.

Tudo bem, eu sei... tenho catorze anos e quase meio e alguém poderia dizer que é cedo. Claro que não disse nada lá em casa e muito menos ao meu irmão. Nem sequer à minha irmã, que, de qualquer forma, caso vos interesse, descobri, ao ouvir um telefonema entre ela e a Giovanna há alguns anos, do qual ainda me recordo, teve a sua primeira vez aos quinze anos. E a maioria das raparigas da escola já lá estiveram muito perto, pelo menos é o que dizem. Bom, também vi na internet, li alguns artigos, procurei em vários sítios e asseguro-vos de que estou perfeitamente na idade certa. Na verdade, ainda falta um mês, para sermos exatos, como diria o Gibbo, o meu amigo matemático da escola. Mas quando há amor, quando tudo é perfeito, quando até os planetas se alinham (eu sou Aquário e ele Escorpião, também verifiquei isso), quando até o Jamiro (o seu nome verdadeiro é Pasquale mas desde que lê as cartas na praça Navona diz que se chama assim) disse que tudo está a ir no bom caminho, que não devemos ir contra a maré... reparem bem, ir contra a maré! A este ponto, quem sou eu para dizer que não ao amor? Por isso é que estou a preparar este supermegapequeno-almoço... porque é para ele, para o meu amor. Daqui a pouco estarei em sua casa. Ontem os pais dele foram-se embora para fora e ele, naturalmente, chegou tarde a casa depois de ter saído com os amigos. Assim, combinámos que era eu quem o ia acordar esta manhã.

– Só depois das onze horas, meu amor, por favor... amanhã posso dormir.

Não é possível. Aquela palavra. Amor. A palavra mais doce, mais importante, mais delicada, mais... mais... «planetária», sim, que engloba todos os planetas além, claramente, da Terra. Dita por ele e daquela forma, aquela dissipou qualquer incerteza que eu tivesse. Vou fazê-lo, disse a mim própria depois do telefonema. E claro que não dormi nada toda a noite. Esta manhã saí de casa às oito, o que não acontecia nem quando ia para a escola mais cedo para copiar os trabalhos de casa.

Mas quero contar-vos melhor o que aconteceu ao longo deste ano de escola e de vida, para compreenderem como a minha decisão é fruto de uma reflexão longa e difícil, mas que estou muito segura de mim própria, serena e, sobretudo, apaixonada. Que estranho! Consigo dizer esta palavra. Dantes não era mesmo capaz. Mas como diz o Rusty James, cada coisa precisa do seu tempo, e para dizer esta palavra precisei de uns bons três meses. Para decidir fazer amor, então, quase um ano. Mas quero explicar-vos melhor o meu percurso. Enfim, é um pouco como se a vida passasse à nossa frente como um filme. Como uma série de momentos, situações, fases, mudanças que depois nos levam inevitavelmente a fazer



amor! Dizem que, normalmente, quando se vê a própria vida a passar à nossa frente é porque se está a morrer... Eu estou a morrer... mas de vontade de estar com ele! E como são... olho para o relógio, um lindíssimo IVC daqueles transparentes com perolazinhas que foi ele mesmo que me ofereceu! São nove e dez, tenho muito tempo para percorrer este meu último ano.